

Marujos dizem não! – História e memória dos comunistas brasileiros na campanha contra o envio de soldados brasileiros para a Guerra da Coréia (1950-1953).**Jayme Lúcio Fernandes Ribeiro.*****Resumo**

Quase quarenta anos sem o reconhecimento legal de sua legenda, permitiram aos comunistas brasileiros uma rica experiência na clandestinidade. Nesse período, inseriram-se em diferentes movimentos sociais a fim de manterem-se ligados à vida política do país. Na década de 1950, um dos objetivos dos comunistas brasileiros era o de impedir a participação do Brasil na Guerra da Coréia ao lado dos Estados Unidos. Nesse ano, os comunistas brasileiros patrocinaram a “Campanha Contra o Envio de Soldados Brasileiros para a Coréia”. Tal campanha consistia em passeatas, enterros simbólicos, coleta de assinaturas, comícios-relâmpagos, manifestações populares etc., objetivando pressionar a opinião pública brasileira e, sobretudo, o governo para que o Brasil não enviasse nenhum membro das forças armadas para participar do conflito coreano. Através da análise dos inúmeros documentos partidários e, sobretudo, da memória dos militantes que participaram do movimento é possível perceber o processo de reconstrução da memória acerca do ideário pacifista e, ainda, verificar a tentativa de criar um laço identitário entre os comunistas e os pacifistas, apresentando os primeiros como seus legítimos e únicos defensores.

Palavras-chave: Memória, Comunismo, PCB.

Abstract

Sailors say no! History and memory of Brazilian communists in the campaign against sending Brazilian soldiers to Korea War (1950- 1953).

Almost forty years without the legal recognition of their legend allowed Brazilian communists a rich experience in clandestinity. In this period, they introduced themselves in different social movements in order to keep them connected to the political life of the country. In the decade of 1950, one of the aims of Brazilian communists was to prevent the participation of Brazil in the Korean War by the United States side. In this year, Brazilian communists sponsored the “ Campaign Against Sending Brazilian Soldiers to Korea”. Such campaign consisted in parades, symbolic burying, gathering signatures, lighting elections campaign, popular manifestations and so on, aiming to pressure Brazilian public opinion and, above all, the government in order that Brazil doesn’t send any member of the army to participate to the Korean conflict. Through the analysis of many partisan documents and above all, the memory of militants that participate of the movement, it’s possible to perceive the process of memory reconstruction about the pacifistic idea and, yet, to verify the temptation of creating a link of identity between communists and pacifists, presenting the first as your legitimate and unique defensors. Keywords: Memory, Communism, PCB.

* Doutor em História social pela Universidade Federal Fluminense.

O PCB passou a maior parte de sua vida política na ilegalidade. Quase quarenta anos sem o reconhecimento legal de sua legenda, permitiram aos comunistas uma rica experiência na clandestinidade. Nesse período, inseriram-se em diferentes movimentos sociais a fim de manterem-se ligados à vida política do país. Na década de 1950, um dos objetivos dos comunistas brasileiros era o de impedir a participação do Brasil na Guerra da Coreia ao lado dos Estados Unidos. O envio de vinte mil soldados brasileiros para a Coreia era uma das requisições que ficariam estabelecidas no acordo militar Brasil-Estados Unidos, de 1950. Nesse ano, os comunistas brasileiros patrocinaram a “Campanha Contra o Envio de Soldados Brasileiros para a Coreia”. Tal campanha consistia em passeatas, enterros simbólicos, comícios-relâmpagos, manifestações populares etc., objetivando pressionar a opinião pública brasileira e, sobretudo, o governo para que o Brasil não enviasse nenhum membro das forças armadas para participar do conflito coreano. Além disso, a Guerra da Coreia fazia crer aos comunistas brasileiros na possibilidade de uma nova guerra mundial que, naquele momento, poderia levar a danos incalculáveis, devido à utilização de armamentos nucleares.

Num determinado período da história, durante a Guerra Fria, a paz foi baseada no princípio de que, por si só, a posse de armas nucleares a garantiria entre seus detentores e, por conseguinte, para o mundo. A “paz pelo terror”, como também ficaram conhecidos os anos de disputa entre Estados Unidos e União Soviética, marcou um longo período da história da humanidade. Milhões de pessoas vivenciaram momentos de tensão acerca da eclosão de uma nova guerra mundial e da destruição do planeta com armas nucleares. No Brasil, os militantes comunistas ficaram a cargo do desenvolvimento de diversas campanhas de “luta pela paz”,⁷ entre elas a “Campanha Contra o Envio de Soldados Brasileiros para a Coreia”. Muitos partilharam da crença de que o mundo caminhava para

⁷ O movimento de “Luta pela Paz” – também chamado de “Movimento pela Paz” – começou em agosto de 1948, quando se celebrou, na Polônia, o Congresso Mundial dos Intelectuais pela Paz e, em novembro, na França, o Congresso Nacional dos “Combatentes da Paz”. Além deles, o “Congresso Mundial da Federação Democrática das Mulheres”, em Budapeste no outono do mesmo ano, e, muito particularmente, o primeiro “Congresso Mundial dos Partidários da Paz”, realizado em Paris e em Praga, de vinte e cinco de abril de 1949, contribuíram grandemente para a divulgação e propagação do “Movimento pela Paz” em todo o mundo. O “Movimento pela Paz” incluía diversas campanhas. A primeira – e a mais importante – foi a “Campanha pela Proibição das Armas Atômicas”, de 1950. A partir desse ano, apelos e protestos contra a OTAN, contra a Guerra da Coreia, pelo desarmamento geral, contra o envio de soldados brasileiros para a Coreia, contra a guerra atômica (“Apelo de Viena”, 1955), por um pacto de paz entre as cinco grandes potências – Estados Unidos, União Soviética, China, Inglaterra e França (“Apelo de Berlin”, 1951) –, fizeram parte do “Movimento”. No Brasil, os militantes comunistas, sob a orientação do Partido Comunista do Brasil (PCB), organizaram e propagandearam as campanhas, objetivando mobilizar a sociedade em busca de assinaturas aos seus apelos pacifistas e obter respaldo social as suas ações. Ver RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Os “Combatentes da Paz”: a participação dos comunistas brasileiros na Campanha pela Proibição das Armas Atômicas (1950)*. Niterói, UFF. Departamento de História. Universidade Federal Fluminense, Dissertação de mestrado, 2003.

uma hecatombe. Acreditaram que o único caminho era lutar pela preservação da paz. Convenceram inúmeras pessoas a assinarem os diversos apelos pacifistas dirigidos à população, esclarecendo o perigo das bombas atômicas, do iminente perigo de guerra atômica com o conflito na Coreia e contra o envio de tropas brasileiras para aquele país. Tudo isso sob feroz repressão política e policial.

A campanha contra o envio de soldados durou enquanto ocorreu o confronto militar na Coreia. A campanha também ocorreu concomitante a outras campanhas de apelo pacifista como a “Campanha Contra a Proibição das Bombas Atômicas”, “Contra a OTAN”, “Contra a Guerra da Coreia”, “Por Um Pacto de Paz”, de “Ajuda a Imprensa Popular” etc. Enquanto os militantes empenhavam-se na coleta de assinaturas em favor da campanha pela proibição das armas atômicas, eclodiu a guerra na Coreia, o primeiro conflito entre forças ocidentais e comunistas. Com a eclosão da guerra, a imprensa comunista passou a criticar, com firmeza, a “intervenção imperialista nos assuntos da Coreia” e a violência contra seu povo. Sob o título de “Tirem as mãos da Coreia”, o jornal *Democracia Popular* afirmava que “milhões de pessoas no mundo inteiro levantavam unanimemente e com energia da voz indignada para protestar contra a agressão dos imperialistas americanos e ingleses.”⁸

Os comunistas brasileiros reprovavam a guerra na Coreia, mas no sentido de considerarem-na uma guerra imperialista. Compartilhavam de idéias e ações que reivindicavam a liberdade para o povo coreano. A ação soviética, nesse momento, era louvável, pois ajudava o povo coreano na defesa de sua liberdade contra os “trustes ianques”. Em 1950, Luiz Carlos Prestes, a mais importante personalidade do comunismo brasileiro, destacava que o povo devia lutar “pela paz, contra qualquer participação na criminosa intervenção guerreira de Truman na Coreia e na China.”⁹ Dizia, ainda, o líder comunista:

*Nada, mas absolutamente nada para a guerra imperialista! Nenhum soldado do Brasil para ajudar a agressão americana na Coreia. A luta dos povos asiáticos contra o imperialismo é parte integrante de nossa própria luta pela independência do Brasil do jugo imperialista. Que os norte-americanos saiam imediatamente da Coreia.*¹⁰

Assim, diante das notícias de que o Brasil, convocado pela ONU, enviaria tropas para lutar naquela guerra, os comunistas distribuíaam panfletos, lançavam manifestos, faziam

⁸ *Democracia Popular*. Rio de Janeiro, 1º de agosto de 1950, p. 01.

⁹ *Voz Operária*. Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1950, p.04.

¹⁰ *Idem*.

passeatas e realizavam comícios “contra a agressão à Coréia”. O apoio da imprensa comunista era total às ações soviéticas na Coréia. Era preciso acabar com a guerra, em defesa da paz, mas, se houvesse um vencedor, que fosse a União Soviética.

Num “comício-relâmpago”, realizado em 18 de julho de 1950, na Praia Pequena, Distrito Federal, os comunistas desfilavam faixas com os seguintes dizeres: “FORA COM OS INVASORES NORTE-AMERICANOS DA CORÉIA E DO BRASIL.”¹¹ Seus oradores concluíam: “essa criminosa ação de guerra é parte do plano geral dos gangsters atômicos para desencadear a guerra mundial, que ameaça todos os povos.”¹² Além disso, nos quartéis das três Forças Armadas, os militares comunistas passaram a distribuir diversos panfletos, propagando a idéia de que os soldados não deveriam aceitar seus embarques para a Coréia. Um dos panfletos intitulava-se “Corrente do N”, e conclamava seus camaradas a escrever a letra “N”, de “não”, nos quartéis, navios, alojamentos etc. Em um dos panfletos, podia ser lido o questionamento do autor alegando:

- *Morrer para quê?*

- *Para defender o Brasil? Não. Para ajudar os americanos a conquistar um País que nunca nos fez mal.*

- *Para defender a liberdade? Não. Para ajudar os americanos a escravizarem o povo coreano que quer ser livre.*¹³

Com isso, os comunistas brasileiros e, em particular, nessa questão, os militares comunistas, tentavam frear o apoio do governo Dutra ao governo norte-americano. Com a intenção de barrar, ou, pelo menos, retardar, o envio de tropas àquele país.

Diversas manifestações contra o envio de tropas brasileiras para a Coréia foram realizadas durante o ano de 1950. Todavia, nenhuma teve maior repercussão como o caso da militante comunista Elisa Branco, uma operária, casada com um operário, e que possuía grande prestígio entre os militantes. No dia 7 de setembro de 1950, nas ruas de São Paulo, participando de uma manifestação em favor da paz e contra a guerra da Coréia, abriu uma faixa com os seguintes dizeres: *Os soldados nossos filhos não irão para a Coréia*. Quando encerrada a manifestação, começou a implacável perseguição. Saindo da passeata a pé, enrolou a faixa e a pôs debaixo do braço. Estava sendo perseguida e quando percebeu o que estava acontecendo já era tarde. Tomou o bonde, e quando descia, procurando fugir dos policiais, foi presa e levada para a detenção. Permaneceu lá por um ano, ficando alojada junto às presas comuns. Durante todo o período de sua prisão, inúmeras

¹¹ Idem, 22 de julho de 1950, p. 04.

¹² Idem.

¹³ Arquivo Nacional. MJ/Segurança Nacional. Panfleto “Corrente do N”.

manifestações foram realizadas no local onde se encontrava. Os protestos eram inúmeros e a imprensa comunista condenava duramente a ação do governo. Nos jornais comunistas, a partir da data de sua prisão, sempre eram lançados artigos pedindo a sua liberdade. Por outro lado, para a imprensa não comunista, Elisa Branco não passava de uma “agente de Moscou”, de uma “falsa” defensora da paz.

A guerra na Coreia, nesse contexto, surge para os comunistas como uma grave ameaça de guerra atômica. Era preciso redobrar os esforços na coleta de assinaturas pela proibição das armas atômicas e em defesa da paz para o mundo. Principalmente, a partir da eclosão da guerra na Coreia, começam a surgir, na imprensa comunista, inúmeros artigos sobre a necessidade, urgente, de se estabelecer a paz e interditar a ação das bombas atômicas. Alguns títulos de artigos são reveladores: “Dirigem-se à consciência dos povos os jovens de Hiroshima e Nagasaki”, “Cada Assinatura é um Voto Contra a Guerra”, “Reforçar a Luta em Defesa da Paz”, “Contra a ameaça Iminente de Guerra”, “O povo sente agora mais iminente o perigo de guerra”, “Pela proibição da Bomba Atômica, Contra o envio de tropas à Coreia”.¹⁴ Com isso, os comunistas brasileiros, por intermédio de sua imprensa, procuravam esclarecer à população sobre o conflito na Coreia – exaltando sempre as iniciativas soviéticas –, sobre a necessidade de se evitar o envolvimento de outros países, principalmente o Brasil, devido à possibilidade de se transformar numa nova guerra mundial que, naquele momento, poderia levar a destruição da humanidade, com a utilização de armas atômicas. Importa ressaltar que os jornais da grande imprensa, quando faziam menção ao confronto coreano, apoiavam as ações do governo norte-americano e não eram críticos sobre o envio de soldados brasileiros àquela guerra.

A partir da análise das fontes, é possível perceber que, assim como no período anterior à Segunda Grande Guerra e com o advento do nazi-fascismo, os comunistas, com a eclosão da Guerra da Coreia, passaram a adotar também a política de “luta contra a guerra”. Para se criar as condições necessárias de uma paz sólida e duradoura entre as nações, era preciso fazer todo o possível para evitar a deflagração de um novo conflito mundial. A guerra na Coreia, naquele momento, revelava-se como um grande perigo e obstáculo à manutenção da paz. O medo crescente de uma nova guerra mundial, agora de proporções nucleares, se fazia presente no imaginário comunista e de um sem número de pessoas que viveram aqueles “períodos quentes” da chamada Guerra Fria. Em março de 1950, *O Jornal*, dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, apresentou uma manchete

¹⁴ Seguem-se as datas e páginas dos artigos encontrados no jornal *Voz Operária* no ano de 1950: 24 de junho (2º caderno), p. 9; 1º de julho, p. 3; 8 de julho, p. 11; 15 de julho, p. 12; 22 de julho, p. 12; 12 de agosto, p. 12.

alarmante: “IMPOSSÍVEL A DEFESA DA EUROPA”.¹⁵ No artigo, o ex-primeiro-ministro britânico Churchill advertia sobre o “perigo crescente de uma agressão russa” e conclamava uma ação decidida do governo inglês para impedir os horrores de uma nova conflagração internacional. O dirigente conservador dizia, no Parlamento, que, sem a ajuda efetiva da Alemanha Ocidental, não se poderia defender com êxito a Europa Ocidental de uma possível invasão russa. Suas declarações causavam polêmica no cenário internacional, já que estava falando de uma Alemanha que havia posto o mundo em uma guerra catastrófica e dispendiosa para o povo europeu. Contudo, o temor de uma invasão, por parte da União Soviética, era maior que o do rearmamento alemão e, como ele, havia muitos que apostavam nessa idéia. Em outras palavras, não apenas para Churchill, mas para a grande maioria dos parlamentares europeus ocidentais, o medo de uma invasão soviética, junto com seus países “satélites”, povoava o imaginário daqueles que pretendiam manter relações político-econômicas com os Estados Unidos ou estavam sob sua área de influência. Vale lembrar, entretanto, que o crescimento dos partidos comunistas, em todo o mundo, e suas vitórias nas eleições parlamentares de diversos países contribuíam, em grande medida, para a confirmação e a reprodução daquele imaginário. Segundo Winston Churchill,

*a decisão de estabelecer uma frente na Europa contra uma possível invasão russa e de seus Estados satélites é de suma gravidade para nós e também imperiosa. Acredito necessário dizer, falando pessoalmente e expressando opinião própria, que esta longa frente não poderá ser defendida com êxito sem a ajuda ativa da Alemanha Ocidental. (...) Não podemos assegurar aos alemães de que seu território não será invadido pelos russos ou seus satélites. A poderosa massa do exercito russo e seus satélites ameaça o povo alemão como uma nuvem ominosa e os aliados não podem dar-lhe proteção.*¹⁶

Sempre com um tom alarmante, o ex-primeiro-ministro britânico fazia questão de enfatizar o avanço comunista pelo mundo, a possibilidade real de uma terceira guerra mundial desencadeada pela União Soviética. Se nenhuma ação prática fosse decidida a curto prazo, se nenhum acordo de paz fosse eficazmente realizado ou se a Alemanha Ocidental não fosse tão logo remilitarizada, o mundo inteiro reviveria os revezes de uma guerra mundial nuclear. A esse respeito Churchill prevenia: “neste terreno da bomba

¹⁵ *O Jornal*. Rio de Janeiro, 17 de março de 1950, p. 06.

¹⁶ *Idem*.

atômica a nossa situação piorou desde a terminação da guerra, isto porque os russos obtiveram o segredo da bomba atômica e, diz-se, começaram sua produção”.¹⁷

A arma atômica e seus efeitos povoavam o imaginário dos comunistas brasileiros. Para eles, a bomba “era um instrumento de agressão e extermínio em massa de populações pacíficas” e “matava indistintamente”. A guerra na Coréia representava o perigo iminente de uma guerra nuclear, pois, como alegava a imprensa comunista, as duas potências em confronto possuíam armas atômicas. Dessa maneira, como revela Baczko, pode-se notar que o imaginário social informa acerca da realidade, ao mesmo tempo em que constitui um apelo à ação, um apelo a comportar-se de uma determinada maneira. O imaginário social é um esquema de interpretação e, também, de valorização (BACZKO, 1985). O dispositivo do imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém, de modo eficaz, nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum. Raoul Girardet relata que é ao longo das linhas de mais forte tensão social que se desenvolvem os mitos, principalmente os mitos políticos. Segundo o autor, “é nos ‘períodos críticos’ que os mitos políticos afirmam-se com mais nitidez, impõem-se com mais intensidade, exercem com mais violência seu poder de atração” (GIRARDET, 1987: 180). Os mitos tensionam e, ao mesmo tempo, atraem. Assim, torna-se possível perceber a adesão de um número cada vez maior de pessoas que contribuíram com suas assinaturas aos apelos de luta pela paz dos comunistas e, ao mesmo tempo, partilhavam do imaginário acerca do iminente perigo de guerra mundial com a Guerra da Coréia. Além disso, o conflito na Coréia mostrava-se grandemente como um “período crítico”, no dizer de Girardet. Dessa forma, a Guerra da Coréia, a bomba atômica e seus efeitos devastadores povoavam o imaginário dos militantes comunistas e informavam acerca da realidade que estava por vir. Num momento de grave tensão internacional, onde as duas superpotências enfrentavam-se e hostilizavam-se mutuamente, a guerra na Coréia simbolizava, no imaginário comunista, o início de confrontos mundiais que levariam ao fim da humanidade.

Em resumo, até a Segunda Grande Guerra, o comunismo internacional e sua seção brasileira, o PCB, se filiavam a identidade de revolucionários. Contudo, a partir do fim daquele conflito e, principalmente, a partir da Guerra Fria, os comunistas passaram a se filiar à identidade de pacifistas, criando todo um imaginário de verdadeiros defensores da paz. Assim, a partir daquele momento, os comunistas, além de arrogarem para si a identidade de revolucionários,

¹⁷ Idem.

vanguarda do proletariado, defensores das classes trabalhadoras, passaram a criar e elaborar um laço identitário com o pacifismo, apresentando-se como legítimos baluartes da paz mundial, reconstruindo, ainda, a memória do partido (PCUS), da URSS e do comunismo acerca de suas origens pacifistas.

Desse modo, os comunistas modificaram o seu discurso – e também sua prática – para adaptar-se àquele tempo presente e criaram uma nova imagem de seu passado e de si mesmos. Para isso, elaboraram todo um processo de reconstrução da memória associando-a a criação de uma nova identidade. A Guerra da Coreia, nesse sentido, serviu de base para tal construção. A partir daquele momento, o temor de um novo conflito mundial, envolvendo as duas superpotências do período, contribuiu para os comunistas acentuassem o seu discurso “pacifista” e suas ações práticas nas campanhas de luta pela paz. O conflito coreano permitiu desenvolver e reforçar o laço identitário dos comunistas – e para o caso brasileiro, o do PCB – junto ao ideário pacifista presente naquela conjuntura histórica, que vinha sendo delineado desde o fim da Segunda Guerra Mundial e, sobretudo, após o seu fim.

Referências bibliográficas

- BACZKO, Bronislaw (a). “Imaginação social”. In *Enciclopédia Einaudi – Anthropos-Homem*, vol. 5. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.
- BETHELL, Leslie e ROXBOROUGH, Ian. (Org.). *A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. Paz e Terra, 1996.
- CARONE, Edgar. *O P. C. B.* São Paulo, Difel, 1982, vol. 2.
- CLAUDIN, Fernando. *La crisis del movimiento comunista. De la Komintern al Kominform*. Paris, Ruedo Ibérico, 1970.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia da Letras, 1987.
- HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil*. Niterói: EdUFF: Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, Ed. Unicamp, 1990.
- POLLAK, Michel. “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, pp. 200-212.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *Uma Revolução Perdida: a história do socialismo soviético*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.

- _____. *A revolução faltou ao encontro. Os comunistas no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- _____. “Entre reforma e revolução: a trajetória do Partido Comunista no Brasil entre 1943 e 1964”. In REIS FILHO, Daniel Aarão e RIDENTI, Marcelo (orgs.) *História do marxismo no Brasil*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, vol. 5, 2002.
- RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Os “Combatentes da Paz” – a participação dos comunistas brasileiros na Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas (1950)*. Universidade Federal Fluminense (Uff), Dissertação de Mestrado, 2003.
- _____. *Guerra e Paz: a trajetória dos comunistas brasileiros nos anos 1950*. Universidade Federal Fluminense (Uff), Tese de Doutorado, 2008.
- THOMPSON, E. P. (org.). *Exterminismo e Guerra Fria*. Editora São Paulo, Brasiliense, 1985.